



Yury Moraes / Divulgação



Yury Moraes

Biografia:

Graduado em Libras/Português como segunda língua pela Universidade de Brasília (2020), atua principalmente no seguinte tema surdocegueira. Cursa atualmente Português Brasileiro como Segunda Língua (PBSL) e respectiva Literatura na Universidade de Brasília. Mestrando na Universidade de Brasília. Diretor pedagógico da Associação de Surdocegos de Brasília, membro da WFDB (Associação Internacional de Surdocegos), da Associação Brasileira de Surdocegos (ABRASC) e do Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego. Contato: yury20moraes@gmail.com

Entrevistadoras:

Fabiola Gomide Baquero Carvalho

Patrícia Nazário Feitoza Duarte

Tradutora (de Libras tátil para língua portuguesa):

Elemregina Moraes Eminergidio

Inclusão como mudança de estruturas e paradigmas

Nota contextual: Entrevista realizada por meio de Libras tátil, forma de comunicação utilizada pelo entrevistado, transcrito para a Língua Portuguesa pela tradutora, que é mãe do entrevistado, além de professora e guia intérprete. Nesse contexto, foi mantida, no registro escrito, a forma como o entrevistado respondeu às perguntas com o intuito de legitimar sua fala, sobretudo numa edição temática que trata o capacitismo.

1. Revista Com Censo (RCC): Para iniciar, poderia se apresentar e contar um pouco sobre a sua trajetória como estudante da rede pública do Distrito Federal e o que o motivou a seguir sua caminhada acadêmica? Em algum momento, você percebeu situações de acolhimento ou, ao contrário, episódios que revelaram barreiras ou preconceitos relacionados à deficiência?

Yury Moraes: Olá tudo bem? Eu sou o Yury Moraes, eu sou formado, a minha licenciatura foi pela UnB em Libras Português como L2 (segunda língua), em Brasília. Hoje eu estou no Mestrado quase concluindo, e já estudei nas escolas públicas diversas de Brasília. Quero ser professor, eu continuei minha vida acadêmica depois que conclui o 2º grau. Eu estudei em várias escolas públicas aqui de Brasília né e fui crescendo, me desenvolvendo, e tive primeiro que aprender a ter autonomia, e aí ano após ano, eu fui me desenvolvendo dentro das escolas inclusivas, eu estudei no Ensino Fundamental 1 na Escola Classe 114 e no Ensino Fundamental 2 na Escola Classe 214, o Ensino Médio fiz no Elefante Branco com grupos diferenciados. Eu achava estranho algumas questões, mas eu participava com homens e mulheres ouvintes, surdos e surdocegos. Eu andava de metrô para chegar até a escola e adaptava o meu andar com A bengala, precisava de muita força e tinha também que escolher os objetivos que eu precisava, que eu gostaria de ter, e estratégias para conseguir me desenvolver. A minha mãe sempre me observava, fazia os cronogramas com objetivos específicos, com foco em cada faixa etária, e aí cada curso, cada possibilidade de alcançar o meu objetivo eu participava com respeito, era muito sofrimento, preconceito, e às vezes eu percebia essa proteção, mas havia uma adequação por conta da minha

identidade. Eu sou uma pessoa surdocega e eu achava muito importante ter na minha vida essa transformação, virar radicalmente a minha trajetória, e ao longo desse movimento, ganhando experiências, eu conheci pessoas que eu gostei durante todo esse processo de caminhada. Eu tive pessoas que me acolheram e eu acolhi também os aprendizados, porque cada diversidade, cada percurso, cada material tátil, material impresso, os professores junto comigo, as propostas, as explicações, os diálogos, os debates que a gente fazia nas escolas, para mim era muito importante, e eu gostava muito dessas provocações. Já sofri, sim, muito preconceito, é preciso sim, que as pessoas tenham empatia, eu tinha intérpretes comigo ao longo da minha estrada escolar, aí percebia quando a professora fazia a língua de sinais bem próximo de mim, eu queria ser protagonista da minha vida, então talvez essa orientação faltava, e que é muito importante que as pessoas respeitem a pessoa com deficiência, eu ficava próximo de outras pessoas e percebia provocações, os medos das pessoas relativos a mim, é difícil, eu já sabia que os caminhos, as salas de aula, as escolas, antes a participação às vezes era difícil, porque tinha que mudar de sala e tinha que ser rápido e eu não tinha muita ajuda então era bem difícil.

2. RCC: No seu percurso, você sentiu que as práticas pedagógicas ou a postura de profissionais da escola reforçaram estereótipos capacitistas? Como isso impactou sua experiência de aprendizagem e convivência?

Yury Moraes: Em relação ao capacitismo, nós vamos conversar sobre alguns conceitos de inclusão onde nós precisamos falar da importância dessa igualdade nas escolas, reunir a sociedade escolar e explicar para que ela venha a conhecer os vários tipos de acessibilidade, para que, quando a gente se encontre nesse universo acadêmico, isso seja em muitos aspectos e características interessantes e uma forma de interagir. Cada um vai escolher sua trajetória, seu caminho, e eu desejo que todos tenham respeito, porque nós precisamos sim aceitar a identidade de cada um para caminharmos juntos enquanto comunidade, e que essa comunidade seja clara, objetiva, e que sempre possamos melhorar, e que o futuro, faça acontecer de fato para surdocegos. Verdadeiramente a gente possa reconhecer a associação de sucesso e a pessoa deficiente e que essa visão seja para surdocegos e pessoas com deficiência em geral, e que esse grupo seja respeitado nas suas limitações e que a empatia de fato e a ética consigam sobreviver a tudo isso. Eu sentia que as práticas precisavam de uma atenção, os professores ensinavam, mas também não conheciam a pessoa com deficiência, assim passava por preconceito, mas faltava a legislação para tornar as pessoas iguais, e as políticas públicas: precisamos de estratégias e ética. O que eu sentia é que a pessoa

surdocega possa avançar melhor, possa se descrever, e possa contribuir nos fundamentos básicos, somando aquisições de conhecimento. Sim, eu acredito que professores precisam ensinar nas escolas experiências e escolher trabalhos, mas para que todos aprendam juntos. Antes eu estudava e eu tinha algumas experiências e eu me estimulava a estudar junto com amigos surdos e eu gostava muito. E essa relação de professores, intérpretes, professores, guias intérpretes, adequações com cada acessibilidade, traz o saber próprio, todos deveriam estar acostumados com isso já. As várias possibilidades de estratégias em vários momentos, identifica a questão da identidade, e essa identidade traz exemplos, com provocações para que a gente tenha a importância dos estudos, de toda essa organização e cada vez mais a gente possa estar fazendo adequações.

3. RCC: Quais espaços ou iniciativas dentro da escola ajudaram a quebrar essas barreiras, promovendo de fato a inclusão e o reconhecimento das suas potencialidades?

Yury Moraes: Bom, o que de fato eu lembro é sobre os momentos na inclusão. Os professores me ensinavam o currículo, as propostas junto com o grupo de surdos e também grupos de ouvintes na escola e eles pontuavam todo o percurso do trabalho que nós viemos fazer, eles tinham ética e buscavam estratégias, não queriam que houvesse a diferença, eles queriam a igualdade entre o grupo de professores e o grupo de alunos, me reconhecendo como ser humano. Eles organizavam regras e valores, respeitavam e percebiam o meu ritmo, eles não faltavam e o que potencializava é que tudo era combinado entre eles e também sabiam fazer diferente coisas com jogos, seminários que me incluíam, na vida e nos grupos. No Ensino Médio, era muita disciplina, juntava muitas questões e tinham muitas perguntas, mas era um processo de debate, e, em várias ocasiões, eles aproveitavam de um dia para o outro, para deixar as coisas acontecerem. Também eu lembro de um certificado de projetos que eu realizava junto com os alunos ouvintes, no Ensino Fundamental 2: quem lia mais livros na biblioteca, eu participava com todos, e ganhei certificado de melhor aluno. E os grupos que eu conhecia me respeitavam, conforme a lei prevê, e não é a questão de obrigação, era questão de respeito, e experiências de convivência, então a cada dia ia melhorando, por exemplo os passeios que nós fazíamos juntos, as pessoas com deficiência também iam e era adaptado para que a gente pudesse de fato participar e isso desencadeia, desenvolve um potencial para o futuro. A sala de recurso também é um fator determinante de trazer o aluno para o conhecimento, a organização do espaço para o surdocego, para o surdo, para o cego, para a pessoa com deficiência no geral, então essas salas representam mais do que um estudo nas escolas públicas, é como

entender todo o processo do conhecimento de cada conceito. Fiz o Ensino Fundamental e o Ensino Médio com professores, tendo intimidade com a língua de sinais, especialmente a proficiência da língua, a depender dessa acessibilidade e desses projetos, nós temos dificuldades ou então, nosso alcance, aumenta muito a aprendizagem ou não. O uso de métodos de debater perspectivas, de conversas, de propostas, e também o trabalho independente, de fazer o aluno estar conectado com o que está acontecendo, é difícil, é muito ruim, às vezes, coisas que acontecem e que precisam de serem provocadas precisa força, precisa luta, precisa de que essa porcentagem de intimidades e experiências com a língua de sinais ou Libras tátil, no dia a dia seja mais específica e aumente o conhecimento.

4. RCC: Na sua opinião, quais mudanças ainda são urgentes para que o ambiente escolar da rede pública seja verdadeiramente inclusivo e livre do capacitismo?

Yury Moraes: Eu quero ser professor, porque desde jovem eu desejo ensinar sempre, e o que eu pensei para ampliar o meu conhecimento: eu preciso estudar, eu preciso estar perto, eu preciso ter acessibilidade, eu preciso estar em grupo, eu preciso ter autoestima. O objetivo é organizar para ensinar a quatro grupos: surdos, cegos e surdocegos, também pessoas ouvintes que tenham a proficiência em língua de sinais. A todo esse grupo, eu gostaria de ensinar usando estratégias, ensinando dependendo do contexto, com uma base metodológica, corrigindo algumas questões de informação, sim, eu desejo muito pensar sobre organizar de forma que os métodos, a ética e lembrando de antigamente, dos tempos que eu estudava e que as estratégias e perspectivas eram experiências boas. Fui influenciado sim por bases teóricas, e a família também é importante, para isso tudo ser leve, porque nós precisamos, sim, salvar todo esse trabalho, e precisamos encontrar métodos para respeitar a pessoa com deficiência e perceber que a vida acadêmica pode ser para qualquer pessoa.

5. RCC: Como foi o seu ingresso na Universidade de Brasília e quais diferenças você percebeu entre o ensino superior e a escola básica no que se refere à inclusão e ao enfrentamento do capacitismo?

Yury Moraes: Eu percebi a diferença entre a escola e o Ensino Superior. No princípio eu trabalhava com pessoas ouvintes com proficiência em libras, na escola eu aprendi várias informações, eu estava acostumado e queria ampliar o meu conhecimento, então, a depender da pessoa com proficiência que estava, ficava fácil ou ficava difícil a minha experiência como ser humano, é que precisa de metodologias para aprofundar no conteúdo. Lá na universidade eu tinha que produzir artigos, eu estou finalizando o

meu mestrado, eu conheci coisas muito importantes, eu tenho muito foco e existem alguns problemas que precisa organizar como maior acessibilidade na universidade de Brasília. Já avançamos muito, mas a minha chegada na UnB foi importante e mexeu com a estrutura da universidade. É muito importante essas provocações. Eu estou lá na UnB, e existem vários impedimentos, e a gente precisa fazer sempre com que as pessoas de fato percebam que precisa ser corrigido as avaliações, as condições e que o foco tem que ser o aluno, então a gente precisa mostrar que existe uma legislação e que existem associações que existem instituições, que precisam trabalhar para que as universidades, os institutos devem aprender e adotar possibilidades concretas e pensar sobre problemas de antes que precisam ser desconstruídos. Por exemplo, eu hoje sou formado, sou professor, já concluí minha licenciatura na UnB e eu já estou fazendo o mestrado, a minha educação sempre foi bilíngue e o português é minha L2, eu conheci o português ali junto com os surdos e ouvintes nas escolas do DF, portanto, o meu objetivo de vida é favorecer e trabalhar com diversos grupos para que transforme essa mentalidade que leve experiências e faça aquisições importantes como eu consegui.

6. RCC: Que mensagem você deixaria hoje para gestores, professores e colegas sobre a importância de enxergar o estudante para além da deficiência, valorizando sua singularidade e potência?

Yury Moraes: Na minha opinião, o que nós precisamos, para todas as modalidades, precisamos ter ética, nesse processo de desenvolvimento, de crescimento da pessoa com deficiência que precisa potencializar. Esse indivíduo tem um potencial que nós precisamos investir, que nós precisamos desenvolver para que ele conheça e se desenvolva. A família, os amigos, os professores, os reitores, os diretores, devem a legislação que é uma fonte importante, isso já dá um processo de conhecimento para o grupo, isso é providencial para a perspectiva de adequação. Por exemplo, se temos o piso tátil e este estiver ruim, precisa direcionar verbas para que o melhor seja feito para a pessoa com deficiência. As cadeiras, as mesas, e a formação do professor fazem com que os alunos se misturem, não se dividirem, estudando de forma igualitária, formalizando assim um único momento de crescimento e informação, levando informação trazendo informação, e o objetivo sempre é fazer um ser humano empático. Ter o quê? Metodologia, estratégia para fazer isso acontecer, depende muito de nós. O capacitismo tira a perspectiva da igualdade do fazer junto, e futuramente homenagear mesmo esses momentos e pensar neles como um momento de crescimento, de interação desde o primeiro momento na escola, do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. E, para o meu futuro, eu penso de melhorar sempre, de aproveitar as oportunidades, de procurar a sensibilidade e de cobrar mesmo!!! ■